

ELEIÇÕES 98 A cada eleição, as alianças começam e terminam com facilidade. O inimigo de ontem pode ser um valioso aliado hoje

Ninguém é de ninguém no Pará

CÉSAR FELÍCIO

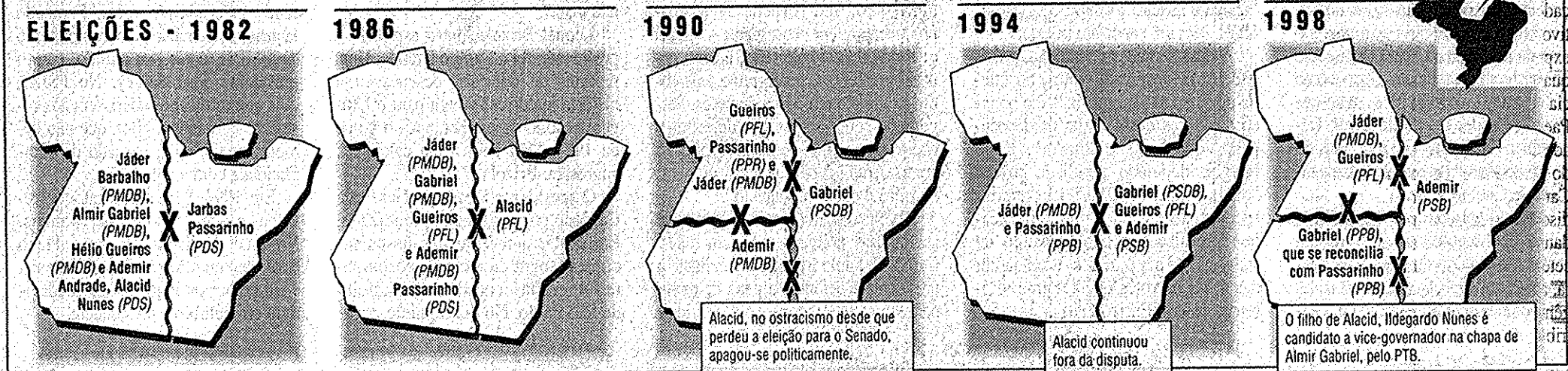
BELÉM — Pela sexta vez consecutiva, as eleições para o governo do Pará mostram que ninguém é de ninguém no xadrez político do estado. De quatro em quatro anos, invariavelmente, lideranças expressivas paraenses trocam alianças.

Este ano, o governador Almir Gabriel (PSDB) vai à reeleição com o apoio do PPB do ex-governador, ex-ministro e ex-senador Jarbas Passarinho, principal adversário em 1994. Vai enfrentar o senador Jader Barbalho (PMDB), que fechou uma coligação com o arquiinimigo Hélio Gueiros (PFL), candidato ao Senado e peça fundamental para a vitória de Almir há quatro anos. "Nem o amor e nem o ódio são eternos. Eles precisam ser alimentados para continuar existindo. O erro de Almir foi deixar de me amar e achar que eu ainda odiava o Jader", explica Gueiros, hoje candidato ao Senado.

A disputa no Pará está acirrada. Almir e a chapa Jader/Gueiros estão empatados estatisticamente nas pesquisas, com índices em torno de 40% cada. O terceiro colocado, com cerca de 10%, é o senador Ademir Andrade (PSB), aliado de Jader e de Gueiros até 1987 e de Almir Gabriel até 1996. Todos estes personagens já estiveram juntos, brigaram e formaram duplas diferentes a cada eleição.

Este ano, até 48 horas antes do prazo final das convenções, tudo poderia ser diferente. Durante todo o mês de junho, Almir, Gueiros e Jader desenvolveram articulações frenéticas, em que todas as hipóteses eram possíveis. "Um acordo com Almir só foi descartado às vésperas das convenções", confirma Jader. "O Almir esperou o Jader até a undécima hora.

Pororoca eleitoral



Depois, veio falar comigo", disse Gueiros. "Trabalhamos até o final em cima de três hipóteses: todos juntos, eu e um dos dois ou eu sem nenhum dos dois", assume Almir Gabriel.

Orquestra — Como é tradição no estado, a previsão é de uma campanha onde a agressividade verbal promete ser a norma. "Gostaria de dançar valsa neste baile, mas se a orquestra mudar o ritmo para a lambada, não terei dificuldade em acertar o passo", ameaça Jader, acrescentando: "Sei de coisas muito desagradáveis sobre o governo Almir Gabriel e não gostaria de torná-las públicas". O governador tucano não deixa por menos: "Em uma guerra, adversários não mandam flores", afirma.

Hélio Gueiros parte para o ataque e inaugura a temporada de agressão verbal. "O governador é um facista". As acusações de baixo nível na campanha paraense não preocupam os políticos do estado porque são apagadas pelas reconciliações posteriores. "O Almir Gabriel passou a cam-

panha toda de 94 dizendo que o sobrinho de Jarbas, Ronaldo Passarinho, era corrupto. Sabe o que ele fez depois? Nomeou o Ronaldo para o Tribunal de Contas", afirma Jader Barbalho, concluindo: "Quando o agressor se alia com o agredido, ele está o absolvendo moralmente".

O mesmo fenômeno se repete dentro da aliança de Jader. Ao romper com o cacique pemedebista em 1990, o então governador Hélio Gueiros, lembrava insistentemente nas entrevistas que Jader Barbalho enriqueceu sem nunca ter possuído uma carteira de trabalho.

Montagem — Como Jader exerce cargos públicos desde os 21 anos de idade, ele de fato jamais foi trabalhador assalariado. Seis anos depois, na disputa pela prefeitura de Belém, os aliados do então prefeito Hélio Gueiros levaram ao horário eleitoral gratuito uma montagem televisiva em que Jader afirmava que construiu o patrimônio "roubando o povo do Pará".

Para um profissional de marke-

ting político do estado, mais extraordinário do que Almir se aproximar de Passarinho foi Jader e Gueiros se reconciliarem este ano. O marqueteiro, que não quis se identificar, no Pará as alianças mudam o tempo todo e ninguém no ramo sabe com quem vai trabalhar na campanha seguinte.

Feitas as pazes, Hélio Gueiros passou uma borracha em tudo que falou de Jader: "Tudo na vida são momentos. Quando a gente se casa, não jura fidelidade e depois trai? Marido e mulher podem dizer desaforos um do outro e o tempo apaga tudo", afirma.

Há dezesseis anos, em 1982, estavam todos juntos: Jader, Almir, Gueiros e até Ademir Andrade, reunidos no PMDB para derrotar o então grande cacique do estado, Jarbas Passarinho, do antigo PDS, hoje considerado "um político notável dentro do estado" por Almir Gabriel.

Na eleição de 82, o PMDB se beneficiou do rompimento público entre Passarinho e o ex-pupilo, o go-

vernador biônico Alacid Nunes, que trabalhou nos bastidores pela vitória da oposição. Por uma diferença pequena, Jader Barbalho ganhou a primeira eleição para governador contra o candidato de Passarinho, Oziel Carneiro.

Mas aquela eleição não foi a primeira em que reviravoltas aconteceram no estado. Já na eleição direta anterior, em 1965, os seguidores do velho cacique Magalhães Barata, do PSD, se uniram com o maior inimigo no estado, o marechal Zacharias de Assumpção, para enfrentarem Alacid Nunes, da UDN, que tinha o apoio de Passarinho. Perderam feio, mas Passarinho começou a brigar com Alacid ainda durante a campanha.

Ostracismo — Uma das mudanças mais espetaculares aconteceu em 1986, quando Jader rompeu com Alacid e convidou Passarinho para ser o candidato ao Senado na chapa de Gueiros, em companhia de Almir. Um dos maiores suportes políticos do regime militar, Passarinho teve apoio

até do PC do B e esmagou Alacid Nunes, remetendo-o para o ostracismo político.

Quatro anos depois, em 1990, tudo mudou novamente: então ministro da Justiça de Fernando Collor, Passarinho apoiou Sahid Xerfah (PTB) para o governo, em aliança com Hélio Gueiros, já no PFL, e rompido com Jader. Almir Gabriel, que fora secretário de Saúde de Alacid e prefeito nomeado de Belém por Jader, concorreu sozinho pelo PSDB. Enfrentando a todos, Jader ganhou a eleição, por apenas quatro mil votos de diferença.

Nas eleições de 94, Almir Gabriel buscou aliança com Gueiros para enfrentar Jader e Passarinho, cometendo um erro do qual se arrependeu amargamente: aceitou a presença de Hélio Gueiros Júnior, filho do cacique pefelista, como companheiro de chapa. "Helinho" virou o vice-governador mais famoso do País, com o hábito de demitir todos os assessores de Almir toda a vez que assumia interinamente.

Gabriel quer abandonar estigma de fraco

Armando Favaro — 28/10/97

Josemar Gonçalves, 10/01/84

Massacre de 96 aumentou fama do atual governador

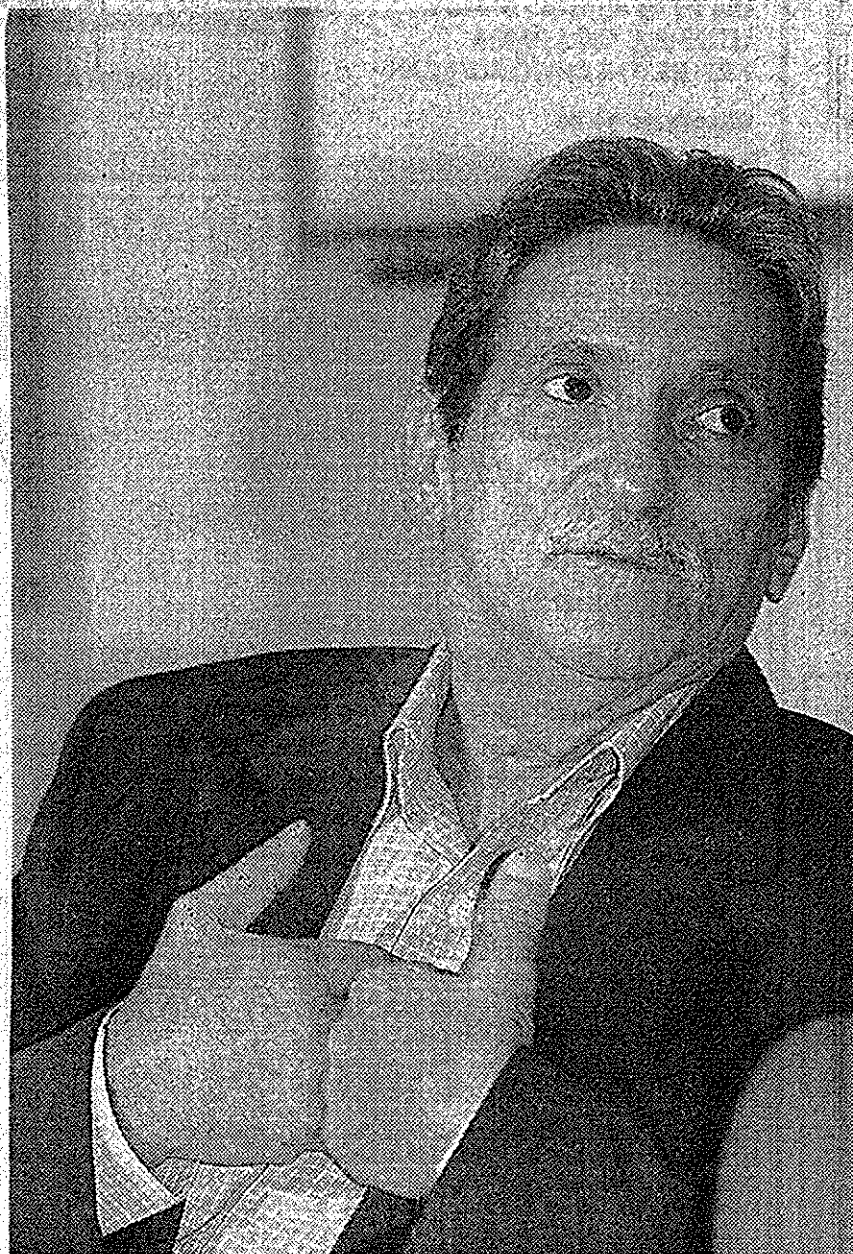
BELÉM — O governador do Pará e candidato à reeleição, Almir Gabriel (PSDB), quer marcar esta eleição como um momento decisivo para abandonar a marca que mais o incomoda desde que começou a carreira política: a de ser um homem fraco e que não assume determinadas responsabilidades. "Travo o combate dos fortes. A vida é uma luta renhida que aos fracos abate e aos valentes e bravos só faz exaltar", discursou, citando o poeta Gonçalves Dias, em um encontro com 2,7 mil mulheres paraenses na semana passada.

A imagem de fraco persegue Gabriel desde 1992, quando desistiu na última hora, de concorrer à prefeitura de Belém, mesmo tendo o apoio do então governador Jader Barbalho (PMDB), hoje principal adversário. "Ele teve uma crise de desistência ao perceber que não era o favorito absoluto para ganhar a eleição", acusa hoje Barbalho.

O estigma aumentou quando aconteceu o massacre de Eldorado dos Carajás (PA), em abril de 1996, quando 19 colonos morreram. O governador até hoje garante que o comandante da PM responsável pela operação, coronel Mário Pantoja, agiu de maneira selvagem sem o seu consentimento. O militar disse que Gabriel havia sido consultado. Ficou a palavra de um contra a do outro.

O momento mais grave, contudo, foram as seguidas provocações que o governador sofreu do vice, Hélio Gueiros Júnior, que toda a vez que assumia o cargo demitia assessores mais próximos do governador e dava entrevistas insinuando irregularidades na administração. Preocupado em não se afastar politicamente do pai do vice, Hélio Gueiros, Gabriel demonstrou a romper politicamente com o substituto eventual.

Nesta campanha, Gabriel quer provar que representa a possibilidade de renovação política no estado. "Entre nós não há Messias, caciques, mandonismo e salvadores da pátria. Não vamos deixar este estado nas mãos de qualquer um." (C.F.)



O governador Almir Gabriel, acusado de ser um político sem força, é apoiado pelo PPB do adversário e ex-ministro Jarbas Passarinho, que não vai disputar a eleição.



Passarinho perde força eleitoral na base do estado

BRASÍLIA — Recolhido a uma pequena sala como assessor da presidência da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o ex-governador do Pará, ex-senador e quatro vezes ministro em pastas diferentes Jarbas Passarinho, 78 anos, vê a influência política se esfumando no estado em que já foi o chefe supremo. "Prometo não ir mais ao Pará antes das eleições. Estou na janela vendo a banda passar, como diz a música de Chico Buarque", afirma sorrindo.

A decadência de Passarinho recebe uma única explicação dos atu-

ais caciques do estado: Passarinho voltou-se demais para a política nacional e não percebeu que o domínio no Pará estava se erodindo. "Ele se tornou forte em Brasília e não cuidou do esquema político no estado. Este foi o erro", afirma o líder do PMDB no Senado e candidato a governador, Jader Barbalho.

"Ele foi um dos comandantes supremos da revolução de 64, controlou o estado, mas não trouxe nada para cá. Não há nenhuma obra no Pará vinculada a Jarbas Passarinho. Ao contrário do que fez Sarney no Maranhão e Antônio Carlos Magalhães na Bahia, Passarinho não desenvolveu o estado", acusa o ex-governador e candidato ao Senado Hélio Gueiros (PFL).

Ao tomar o poder em junho de 1964, como governador indicado pelo marechal Castelo Branco, Passarinho destruiu todas as oligarquias reinantes no Pará e deu as cartas ao estado até 1982. "Eu elegia até um poste", diz Passarinho, que gosta de lembrar que elegeu (pelo voto direto) Alacid Nunes o sucessor em 1965 com mais de 70% dos votos. Um ano depois, tornou-se senador pela Arena, com uma votação nove vezes superior à do candidato do MDB.

Vendaval — Todos os governadores indicados no Pará em seguida só assumiram com a interferência direta de Passarinho. Mesmo afastado do estado para ser ministro do Trabalho no go-

verno Costa e Silva e da Educação no governo Médici, ele não teve dificuldades de se reeleger senador em 1974, tornando-se um dos cinco únicos senadores da Arena a resistir ao vendaval emedebista que elegeu 16 senadores naquele ano.

A estrela de Passarinho começou a se apagar quando um dos liderados decidiu acabar com o mando no estado. Em 1982, o então governador Alacid Nunes rebelou-se contra o governo Figueiredo e pôs toda a máquina do estado a serviço do candidato do PMDB, Jader Barbalho. Passarinho perdeu tudo: o governo do estado e o próprio mandato de senador, deixando a cadeira para Hélio Gueiros.

Seguindo a norma paraense de trocar de alianças com facilidade, Passarinho aproveitou-se da briga entre Jader e Alacid em 1986 para retornar à política como senador apoiado pelo PMDB. Oito anos depois, tentou sem sucesso o governo do estado, novamente com o apoio de Jader. Foi a última eleição.

Hoje, nem o próprio partido, o PPB, ouviu a orientação de Passarinho para decidir que rumo político seguir no Pará. Os peepistas fecharam com o apoio à reeleição do governador Almir Gabriel (PSDB). Depois, ofereceram a Passarinho a possibilidade de ser deputado federal, pedindo votos para o governador tucano, mas ele preferiu não se candidatar (C.F.)

ELEIÇÕES 98

Campanha no Pará é feita em danceterias com a presença de cantores do gênero brega e distribuição de cadeiras de rodas

Barbalho quer ter expressão nacional

BELÉM — O líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), foi forçado a adiar por muitos anos o objetivo de se firmar como um político de expressão nacional. Após tentar por quase dois anos afastar da presidência nacional do PMDB o deputado Paes de Andrade (CE) e garantir a adesão formal da legenda à reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, o senador paraense hoje discursa pedindo votos para a candidatura ao governo do estado em danceterias de cidades do interior do Pará, acompanhado de cantores bregas, gênero musical paraense e ainda distribuindo cadeiras de rodas.

Empatado tecnicamente com o governador Almir Gabriel (PSDB) nas pesquisas, Jader corre o risco de perder uma invencibilidade eleitoral que sustenta desde 1966, elegendo-se sucessivamente vereador, deputado estadual, duas vezes deputado federal, duas vezes governador e senador.

“Eu não tinha como me excluir da disputa e abandonar meu grupo político à própria sorte. Se eu fosse hoje o presidente do PMDB, teria uma missão nacional a cumprir, mas eu não sou. Não se é forte na corte sem ser forte na província”, justifica. A estratégia de Jader, caso eleito, é dar apoio incondicional a Fernando Henrique em um segundo mandato, para solidificar a base no estado. “Nas duas outras vezes em que fui governador, eu não tinha o apoio do governo federal. Ainda assim, me tornei um governador marcante. Imagina o que não poderei fazer tendo trânsito livre junto ao presidente da República?”

Na nova tentativa de governar o Pará, o maior desafio de Jader é se livrar da imagem de homem que enriqueceu por meios escusos, fartamente explorada pelos adversários em 1990. Exercendo cargos públicos de maneira ininterrupta desde 1966, Barbalho tornou-se um pecuarista com altos índices de produtividade na criação de gado de corte, além de ser dono de um jornal diário, duas retransmissoras de televisão e quatro emissoras de rádio. “São propriedades de família. Eu me tornei minoritário em algumas empresas, desde que me separei judicialmente da minha ex-mulher, a deputada federal Elcione Barbalho”, justifica. (C.F.)



Jamil Bittar — 24/ 01/97

Jader Barbalho agora procura ser um político com projeção a nível nacional prometendo obras para o estado pelo bom relacionamento que tem com o Fernando Henrique Cardoso. Hélio Gueiros é o político mais famoso e tradicional do estado, com fama de destruir os adversários pela facilidade que tem de criar situações embaraçosas e ironias com rara criatividade.



Marcelo Régua — 12/08/90

Gueiros é um velho cacique

BELÉM — O ex-governador e candidato ao Senado, Hélio Gueiros (PFL), deve acrescentar um tempero picante às modorrentas sessões do Senado, caso seja eleito. Aos 72 anos, o velho cacique paraense é uma das figuras mais polêmicas do estado, famoso pela capacidade de destruir adversários pelo deboche e ironia.

Veterano jornalista e deputado estadual na década de 60, Gueiros foi um dos fundadores do MDB e terminou cassado pelo AI-5, exatamente pela língua ferina. Com a anistia, conseguiu se eleger senador em 1982 e governador em 1986, pelo PMDB. Foi aí que ele deu total vazão ao humor.

Aos risos, admite que em 1990 devolveu à Assembleia Legislativa uma lei votada pela Casa com apenas um voto: o governador suprimiu o dispositivo que estabelecia que a lei entrava em vigor na data da publicação. “A lei era uma safadeza que queriam fazer comigo no fim do meu governo, vinculando o salário de coronel da Polícia Militar ao de general do Exército. Eu poderia vetá-la na íntegra, mas preferi suprimir só este artigo para passar a batata quente ao meu sucessor, Jader Barbalho.”

Gueiros ainda gosta de lembrar como desmoralizou uma greve de fome de servidores públicos pedindo aumento de salário. “Fui às rádios e afirmei que aquela era a ‘greve da sopa de cabeça de peixe’. Disse que todo grevista na calada da noite tomava esta sopa e ainda comia um caldo de mocotó. No dia seguinte, estavam todos rindo dos servidores e a greve acabou.”

A metralhadora verbal de Gueiros voltou-se também contra o antigo chefe da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) no governo Sarney, Rex Nazareth, que queria remover para o interior do Pará 30 tambores de resíduos contaminados com césio-137, do acidente nuclear que abalou Goiânia em 1987. “Eu disse que não iria atender a um pedido de um sujeito com nome de cachorro”. (C.F.)

INSTITUTO	
	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	J.B.
Data	9/8/98 Pg 9 Conf.
Class.	31
Documentação	